



**COLETÂNEA CIENTÍFICA
PSICOLOGIA - 01
TEÓFILO OTONI/MG**

2023

PEDRO EMÍLIO AMADOR SALOMÃO
ORGANIZADOR

II

TEÓFILO OTONI – 2023

Copyright ©: Autores diversos

Projeto gráfico: Núcleo de Investigação Científica e Extensão (NICE)

Diagramação: Núcleo de Investigação Científica e Extensão (NICE)

Capa: Núcleo de Investigação Científica e Extensão (NICE)

ISBN: 978-65-84869-21-9

SALOMÃO, P. E. A. (Organizador)

COLETÂNEAS CIENTÍFICAS – TEÓFILO OTONI – 2023

TEÓFILO OTONI - MAIO/2023

ISBN: 978-65-84869-21-9

VOL. 1

1. PUBLICAÇÕES 2. CAPÍTULOS 3. COLETÂNEAS

NICE 40

FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS DE TEÓFILO OTONI

**Núcleo de
Investigação
Científica e
Extensão - NICE**

Assinado de forma digital por Núcleo de
Investigação Científica e Extensão - NICE
DN: cn=Núcleo de Investigação Científica
e Extensão - NICE, o=AlfaUnipac,
email=nice@unipacto.com.br, c=BR
Dados: 2022.10.26 15:26:05 -03'00'
Versão do Adobe Acrobat:
2022.003.20263

DIREITOS PRESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a citação dos autores. A violação dos direitos de autor (Lei Federal 9.610/1998) é crime previsto no art. 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO 1 - O AMOR ROMÂNTICO AO AMOR LÍQUIDO: O OLHAR EXISTENCIALISTA SOBRE OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA CONTEMPORANEIDADE</u>	6
Thiago Soares Ribeiro	6
<u>CAPÍTULO 2 - O AMOR ROMÂNTICO E SUAS TRANSFORMAÇÕES: UM PERSPECTIVA HISTÓRICA</u>	7
Thiago Soares Ribeiro	7
<u>CAPÍTULO 3 - EU-TU: AS RELAÇÕES SOB A ÓTICA EXISTENCIALISTA</u>	8
Thiago Soares Ribeiro	8
<u>CAPÍTULO 4 - FATORES DE RISCO PARA SUICÍDIO EM ADULTOS</u>	9
Janca Gusmão Leal	9
<u>CAPÍTULO 5 - OS DILEMAS NA FASE DA ADOLESCÊNCIA</u>	10
Débora Maria Pereira da Silva.....	10
Ester Fernandes Gomes	10
Maicon Douglas Chaves Silva.....	10
Mirian Lopes Amaral	10
<u>CAPÍTULO 6 - DILEMA DA EDUCAÇÃO NA RELAÇÃO PAIS-FILHOS</u>	12
Anne Beatriz Rodrigues Sena	12
Denise dos Anjos costa	12
Maicon Douglas Chaves Silva.....	12
Raquel Balarini Handeri	12
<u>CAPÍTULO 7 - AUTISMO: UMA IMERSÃO EM SI PRÓPRIO</u>	14
Maria Eduarda Gonçalves Rodrigues Da Silva	14
Maicon Douglas Chaves Silva.....	14
Vitor Pereira Trega.....	14
<u>CAPÍTULO 8 - GESTALT- TERAPIA NO BRASIL: Uma análise do estado da arte na plataforma Scielo Brasil</u>	16
José Maria Ribeiro Neto.....	16
Carlos Renato de Oliveira Faria.....	16
<u>CAPÍTULO 9 - SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR: INTERVENÇÕES DO PSICÓLOGO NA ESCOLA INCLUSIVA</u>	19
AMANDA LARISSÉ RAMALHO DE OLIVEIRA	19
<u>CAPÍTULO 10 - IMPORTÂNCIA DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA NA PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL</u>	21
Alcilene Lopes de Amorim Andrade	21
Paula Lins Khoury.....	21
<u>CAPÍTULO 11 - ENTRENÓS: ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES ENLUTADOS PELA COVID-19</u>	24
Isabel Corrêa Pacheco.....	24
Paula Lins Khoury.....	24

Denise dos Anjos Costa.....	24
Carlos Renato de Oliveira Faria.....	24
<u>CAPÍTULO 12 - SUPERVISÃO CLÍNICO-INSTITUCIONAL NO VALE DO JEQUITINHONHA</u>	27
Isabel Corrêa Pacheco.....	27
Paula Lins Khoury.....	27
Denise dos Anjos Costa.....	27
Carlos Renato de Oliveira Faria.....	27

DO AMOR ROMÂNTICO AO AMOR LÍQUIDO: O OLHAR EXISTENCIALISTA SOBRE OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA CONTEMPORANEIDADE

FROM ROMANTIC LOVE TO LIQUID LOVE: THE EXISTENTIALIST LOOK AT ROMANTIC RELATIONSHIPS IN CONTEMPORARY TIMES

DEL AMOR ROMÁNTICO AL AMOR LÍQUIDO: LA MIRADA EXISTENCIALISTA SOBRE LAS RELACIONES ROMÁNTICAS EN LA CONTEMPORANEIDAD

Thiago Soares Ribeiro

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

Curso de Psicologia, psicotsr@gmail.com

Na contemporaneidade, os relacionamentos afetivos têm sido percebidos e vivenciados de forma frágil e superficial. Esse caráter fluido das relações humanas também marcam os laços afetivo-românticos, nos quais o limite entre o envolvimento e o descompromisso aparenta ser tênue. É cada vez mais comum o “ficar”, o relacionamento “casual” ou “liberal”, onde as pessoas se relacionam de modo livre, às vezes sem nenhum envolvimento, compromisso ou responsabilidade para com o outro, e por espaços de tempo curtos, o que leva a crer que a superficialidade e a fragilidade nestes relacionamentos têm se popularizado. O cenário atual se diferencia do que foi visto anteriormente em termos de relacionamentos românticos que, vivenciados de forma mais comprometida, eram considerados mais “sólidos e consistentes”, mais “duradouros”. Porém, esse estilo de relacionamento parece ter se enfraquecido com os novos rumos tomados pela sociedade contemporânea, onde os vínculos afetivos perderam a importância (BAUMAN, 2004). Essa perspectiva provoca diversos questionamentos no sentido de compreender a ocorrência e as repercussões deste fenômeno na constituição do homem e na clínica existencialista: como ele se processa? O que mudou nos modos de relacionamento romântico para que tal fenômeno se tornasse tão evidente? Como lidar com suas repercussões – sobretudo a angústia e a solidão – no âmbito clínico da psicoterapia existencial? Qual a postura do psicólogo diante de um cliente que apresenta demandas relacionadas com tal fenômeno? Assim, a demanda se revela complexa, multifatorial e convida outros saberes para uma interlocução que visa desvelar de modo fenomenológico este acontecimento de franca ascendência em nosso tempo.

O AMOR ROMÂNTICO E SUAS TRANSFORMAÇÕES: UM PERSPECTIVA HISTÓRICA

ROMANTIC LOVE AND ITS TRANSFORMATIONS: A HISTORICAL PERSPECTIVE

EL AMOR ROMÁNTICO Y SUS TRANSFORMACIONES: UNA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Thiago Soares Ribeiro

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni
Curso de Psicologia, psicotsr@gmail.com

O conceito de amor romântico sofreu diversas mudanças ao longo dos anos. Segundo Araújo (2002), a ideia de amor romântico, baseada na consensualidade, na escolha e na paixão amorosa tal como conhecemos na atualidade, surgiu a partir do século XVIII, com o advento da ascensão burguesa. Enquanto na nobreza as uniões se davam com fins econômicos e políticos, os camponeses estabeleciam seus relacionamentos com base no desejo e na atração. O amor cavalheiresco e o amor cortês, primeiras formas de amor romântico, não favoreceriam o relacionamento e a união entre os apaixonados, uma vez que remetiam a um sentimento idealizado, “uma declaração, uma confissão de amor, fosse pelo gesto, pela amável conversa ou pelo simples olhar” que não esperava como retorno nada além do reconhecimento deste sentimento (ARAÚJO, 2002, P. 72). Estas mudanças socioculturais e históricas nos modos de conceituar e caracterizar o amor romântico influenciaram diretamente os modos de se relacionar no âmbito amoroso, sobretudo no que diz respeito à conduta do casal e a comunicação firmada entre eles. Para Carpenedo e Kooler (2004), se levarmos em consideração o “papel” de cada um nas relações, pode-se afirmar que o lugar ocupado pela mulher por volta de 1950, muito se assemelha àquele ocupado também durante o século XVIII - a mulher deveria revelar-se uma excelente mãe e dona de casa, dedicando-se com muito esmero ao trabalho doméstico, mesmo sem ser valorizada ou remunerada por isso. Nesta mesma época, os namoros (período preparatório para o noivado e casamento) eram marcados pelo flerte, gestos, olhares e sorrisos. Neste, as regras estabelecidas socialmente deveriam ser cumpridas à risca, mesmo que elas não atendessem às expectativas de nenhum dos dois envolvidos na relação.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932002000200009&script=sci_arttext > Acesso em 20 de março de 2023, às 21:58h.

CARPENEDO, C.; KOOLER, S.H. Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. **Interação em Psicologia**: Revista de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v.8, n.01, p. 1-13, jan./jun. 2004. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewArticle/3234>> Acesso em 20 de março de 2023 às 22:30h

EU-TU: AS RELAÇÕES SOB A ÓTICA EXISTENCIALISTA

I-YOU: RELATIONS FROM AN EXISTENTIALIST PERSPECTIVE

YO-TÚ: RELACIONES DESDE UNA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA

Thiago Soares Ribeiro

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni
Curso de Psicologia, psicotsr@gmail.com

Conforme Giddens (1993 apud GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006), o amor romântico suscita a construção de uma biografia ligada ao outro por meio da intimidade característica da vida amorosa a dois. Neste sentido, a construção da identidade de si mesmo é indissociavelmente ligada à idealização do outro, pois ambos no par romântico são “perfeitos um para o outro”. Nesta relação, existe a validação de um no outro, reciprocamente. Para Martins Filho (2010), Heidegger também aponta as interações humanas como constitutivas do modo de ser do homem. As pessoas encontram-se no mundo como co-presença, há um compartilhamento das vivências, um compartilhamento de sentidos que marca a forma como cada um percebe a si

mesmo e escolhe relacionar-se com o outro. Os vínculos amorosos se constituem, então, como modos de ser junto com o outro, que prescindem de uma relação de cuidado entre ambos: cuidar de ser si mesmo e cuidar de auxiliar o outro a tornar-se si mesmo também – uma preocupação libertadora (FEIJOO et al., 2008). Na perspectiva heideggeriana, o encontro com os outros se dá por meio da preocupação: ser com o outro, por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros são modos possíveis de preocupação. Essa preocupação pode dar-se de modo substitutivo, ser por um outro, no qual a pessoa se ocupa do outro, realizando o que aquele outro deveria realizar, substituindo-o. É uma relação de dependência, por vezes encoberta sob o signo de “cuidado” que, na verdade, foi retirado, uma vez que esta relação se revela dominadora, controladora e impossibilita a ambos de se responsabilizarem por si mesmos e pelo próprio existir – é uma relação de um, apenas um se realiza por ambos (FEIJOO et al., 2008).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas da contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. VI, n. 2, p. 396-425, set. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S151861482006000200007&script=sci_arttext&lng=ptFirefoxHTMLShellOpenCo> Acesso em 21 de março de 2023, às 22h.

MARTINS FILHO, J. R. F. O outro, quem é ele? Considerações em torno da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Lévinas. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, v.1, n.1, p. 56-66, jul. 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=O+outro%2C+quem+%C3%A9+ele%3F+Considera%C3%A7%C3%B5es+em+torno+da+fenomenologia+de+Husserl%2C+Heidegger+e+L%C3%A9vinas>. Acesso em 21 de março de 2023, às 22:10h.

FEIJOO, A. M. L. C. et al. **Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2008. 200 p.

FATORES DE RISCO PARA SUICÍDIO EM ADULTOS
AUTISTAS RISK FACTORS FOR SUICIDE IN AUTISTIC
ADULTS

FACTORES DE RIESGO DE SUICIDIO EN ADULTOS AUTISTAS

Ianca Gusmão Leal

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni
Psicologia, psicologaianca@gmail.com

O risco de suicídio entre a população autista na fase adulta é maior do que em pessoas neurotípicas. Apesar disso, este é um assunto pouco pesquisado e compreendido pela comunidade científica. O primeiro passo para alcançar eficácia na prevenção do suicídio em adultos com Transtorno do Espectro Autista é identificar os fatores de risco que estão por trás do autoextermínio de autistas, sendo este o objetivo do presente trabalho. Nesta revisão bibliográfica, foram analisados trabalhos disponíveis no Google Acadêmico e publicados entre 2019 e 2022 que abordaram o tema do suicídio em autistas e o diagnóstico tardio. A análise demonstrou que o diagnóstico de TEA na vida adulta pode revelar uma história passada de dificuldades interpessoais e sentimento de culpa, falta de tratamento e suporte familiar, presença de comorbidades como a Depressão e negligência de prejuízos advindos do TEA, podendo ser maior o risco de suicídio em autistas que recebem diagnóstico tardio. Porém, o diagnóstico pode ocorrer mais cedo e, ainda assim, a chegada da vida adulta para o autista traz consigo desafios específicos e exigências que podem colocá-lo em situação de maior vulnerabilidade. Nessa perspectiva, é possível citar como fatores de risco para suicídio em adultos autistas o mascaramento dos sintomas do TEA (maior nas mulheres), as próprias características centrais do TEA (prejuízos na sociocomunicação e padrões comportamentais restritos e repetitivos), ausência de suporte, comportamento autolesivo, Depressão (mais frequente nas mulheres), outros transtornos mentais, Deficiência Intelectual, histórico de ansiedade e/ou depressão na família, tentativas de suicídio do autista e da família, uso de antidepressivos, ruminação, baixo controle atencional, baixo controle inibitório, baixa autoestima, dificuldade em expressar sentimentos, exclusão social, isolamento social, desemprego e morar só. A literatura científica carece de mais dados e estudos sobre o tema, possibilitando então a efetiva atuação na prevenção do suicídio entre adultos autistas.

Referências Bibliográficas:

NALIN, L. M. et al. Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 16, p. 1-9, dez. 2022.

OLIVEIRA, L. G.; MAIA, J. L. F. Depressão e suicídio em adultos com o Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 15, p. 1-10, nov. 2022.

SANTOS, J. E. S. **Tentativas de suicídio em jovens e adultos com transtorno do espectro autista (TEA): Uma revisão sistemática.** TCC (Bacharelado em Fonoaudiologia) – Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe. Lagarto-se, p. 30. 2019.

OS DILEMAS NA FASE DA ADOLESCÊNCIA

THE DILEMMAS OF ADOLESCENCE

LOS DILEMAS DE LA ADOLESCENCIA

Débora Maria Pereira da Silva

Faculdade Alfa Unipac- Teofilo Otoni
Psicologia deboramaria732@gmail.com

Ester Fernandes Gomes

Faculdade Alfa Unipac- Teofilo Otoni
Psicologia, esterfernandesgomes2000@gmail.com

Maicon Douglas Chaves Silva

Faculdade Alfa Unipac- Teofilo Otoni
Pedagogia, maiconchavesprof@gmail.com

Mirian Lopes Amaral

Faculdade Alfa Unipac- Teofilo Otoni
Bacharel Psicologia, mirian.lopesam21@gmail.com

Nos anos 50, os adolescentes já eram conduzidos ao casamento logo após a puberdade. Com o passar do tempo, foi-se intensificando o individualismo e a liquidez dos relacionamentos e hoje, a grande maioria estão saindo da casa dos pais cada vez mais tarde, e isso faz com que muitos adolescentes sejam criticados. O objetivo deste texto é expor e trazer uma reflexão sobre o que é ser adolescente nos dias atuais. O fato dos adolescentes estarem fisicamente desenvolvidos não quer dizer que a mente deles esteja, pois, é um período de maturação. Essa fase, pode ser para alguns um período perturbador, existem perdas que todos passamos e a psicanálise traz como luto as 3 perdas: o corpo infantil, os pais da infância e a identidade da infância. Além disso, hoje temos estudos de imagem que revelam o cérebro do adolescente ainda em obra. Mudanças dramáticas nas estruturas cerebrais envolvidas nas emoções, no julgamento, organização do comportamento e autocontrole. O que os leva muitas vezes a agir de forma impulsiva, a serem rebeldes e bastante influenciáveis uma vez que os adolescentes buscam pertencimento em grupo, essa fase também é quando o ser humano fica mais propenso a entrar no caminho das drogas, crimes e atos ilícitos. Com isso, foi possível perceber a fragilidade existente na adolescência e a importância de entendermos um pouco mais sobre o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Alcilene Lopes de Amorim et al. Adolescência: a singularidade do tempo. Rio de Janeiro: Editor André Figueiredo, 2017.

GUSMÃO, Ricardson Gusmão Santos et al., O Prolongamento da Adolescência em uma Sociedade Contemporânea 2011 Disponível em <<https://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?>> acessado em >25/04/2023

MATOS, Laydiane Pereira de Matos; LAMBRUBER, Karla Priscilla Lemgruber A ADOLESCÊNCIA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA: sobre o luto adolescente e de seus pais. 2017. 22f. Rev. Psicol Saúde e Debate. Jan., 2017:2(2):124-145.

PAPALIA, Diane Papalia. FELDMAN, Ruth Duskin Feldman. Desenvolvimento Humano, 12 edição, AMGH Editora Ltda. 2013

DILEMA DA EDUCAÇÃO NA RELAÇÃO PAIS-FILHOS
EDUCATION DILEMMA IN THE PARENT-CHILD RELATIONSHIP
DILEMA EDUCATIVO EN LA RELACIÓN PADRE-HIJO

Anne Beatriz Rodrigues Sena

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo
Otoni, Psicologia, annebeatrizsena@gmail.com

Denise dos Anjos costa

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Aimorés CRP
04 38759, denisedosanjoscosta@gmail.com

Maicon Douglas Chaves Silva

Faculdade Alfa Unipac de Teófilo Otoni
Licenciado em Pedagogia
maiconchavesprof@gmail.com

Raquel Balarini Handeri

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo
Otoni, Psicologia, raquelhanderi02@gmail.com

A educação positiva objetiva a estabilidade na relação entre pais e filhos, havendo limites bem determinados e estimulação da autonomia e liberdade. Há um dilema onde muitos acreditam que castigos físicos e verbais são a forma mais eficiente de educar, pois não possuem conhecimento de outra maneira de instruir seus filhos. Esta pesquisa tem como objetivo expor a necessidade de os genitores orientarem os filhos na compreensão das distintas emoções, permitindo que eles vivam suas frustrações, além de mostrar a importância da validação e nomeação dos sentimentos das crianças. Para demonstrar o proposto, esta pesquisa baseou-se nas contribuições de Gasparetto, Bandeira e Giacomini (2017), onde demonstram que o bem-estar subjetivo deve ser trabalhado ainda na infância, enquanto os traços de personalidade estão em desenvolvimento. Dessa forma, haveria a possibilidade de prevenção de repercussões negativas na vida adulta.; Estatuto da Criança e Adolescente – ECA (Brasil, 1990) afirma que o desenvolvimento integral da criança, a partir de padrões de vida adequados às necessidades físicas, mentais e de desenvolvimento social, sendo direito fundamental. Este trabalho foi baseado nos estudos de referências bibliográficas. Com a pesquisa averiguou-se que a comunicação não violenta não é uma forma de moldar e direcionar o outro aos desejos do educador, e sim auxiliar o indivíduo nas próprias opiniões, ademais, demonstra que o vínculo horizontal entre pais e filhos baseado no respeito, possuem bons resultados na relação e formação da personalidade, a qual possui influências

psicológicas, genéticas e sociais. Ainda que os genitores se pautem numa abordagem de educação mais tradicional, é de suma importância que se conscientizem acerca da educação positiva, esta que promove uma relação empática entre pais e filhos, e que visa a mudança no comportamento e nas formas do indivíduo de manifestar seus sentimentos. Havendo sempre uma percepção primordial da responsabilização das próprias atitudes, formando indivíduos com maior autonomia e compromisso social.

Referências

BEZERRA, Lisandra Maria. LIMA, Alessandro da Silva. **Uma breve reflexão de como a disciplina positiva pode auxiliar no processo pedagógico na educação infantil.** 2020. 10 f.

FERREIRA, Patrícia Cristina. LAMAS, Karen Cristina Alves. **Aplicação da Psicologia Positiva no Desenvolvimento Infantil: Uma Revisão de Literatura.** 2020. 13 f.

MARQUES, Marcia Zanoni. CASTRO, Déborah Azenha de. **A Educação positiva em um grupo operativo de pais e filhos.** 2019. 2 f.

PAPALIA, Diana E. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 12ª edição. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SANTOS, Elisama. **Educação não violenta: como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina, resiliência em você e nas crianças.** 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2019. **Conversas Corajosa: como estabelecer limites, lidar com temas difíceis e melhorar os relacionamentos através da comunicação não violenta.** 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

AUTISMO: UMA IMERSÃO EM SI PRÓPRIO

AUTISM: AN IMMERSION INTO YOURSELF

AUTISMO: UNA INMERSIÓN EN TI MISMO

Maria Eduarda Gonçalves Rodrigues Da Silva

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo
Otoni, Psicologia, duda.g055@hotmail.com

Maicon Douglas Chaves Silva

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni,
Pedagogia, maiconchavesprof@gmail.com

Vitor Pereira Trega

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo
Otoni, Psicologia, vitortrega80@gmail.com

O transtorno espectro autista (TEA) é caracterizado por alterações no neurodesenvolvimento, o que implica diretamente no desenvolvimento de capacidades cognitivas e sociais. O breve estudo tem como objetivo analisar e sintetizar assuntos acerca do transtorno espectro autista. Para a realização deste trabalho foram utilizados trabalhos acadêmicos que contribuíram para melhor entendimento do assunto. O fato é, que o próprio autismo ainda é uma grande incógnita para a ciência, tanto em suas possíveis causas, quanto no próprio diagnóstico, perpassando por diversas áreas como a neurociência, psicologia, psiquiatria, fonoaudiologia pesquisas apontam alterações genéticas e ambientais como possíveis influências, por isso o diagnóstico precoce e a escolha do tipo de tratamento certo são de extrema importância para o indivíduo. Os estudos acerca do autismo tem início por volta do ano de 1911, onde o psiquiatra Eugen Bleuler realizou estudos com crianças que tinham dificuldades em interações e comunicação, no ano de 1943 o psiquiatra Leo Kanner faz as primeiras publicações com suposições teóricas a respeito de uma ainda desconhecida síndrome que acomete crianças com dificuldades em se relacionar, no ano seguinte o médico Hans Asperger realiza pesquisas com crianças com comportamentos semelhantes aos descritos por Kanner que nomeou de "distúrbios autísticos do contato afetivo", a palavra autismo vem do grego "autos": próprio e "ismo": estado, significando algo como "pessoa reclusa a si", algo como uma realidade imersa em si. O diagnóstico do autismo acontece por uma série de testes onde são analisadas habilidades no desenvolvimento, classificando o autismo em 3 níveis: Nível 1 "leve"; Nível 2 "moderado" e o nível 3 "autismo severo". Portanto fica evidente que o número de casos de autismo teve um aumento considerável no decorrer dos anos, em decorrência de atualmente haver uma alta busca por diagnósticos pelos pais que ao observarem qualquer comportamento incomum, logo buscam ajuda, comportamento esse que no passado não era tão comum.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia?. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 40, 2020.

ANDRADE¹, Maria Denise Fernandes Carvalho. ASPECTOS GENÉTICOS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). **Transtorno do espectro autista: concepção atual em multidisciplinar na saúde**, p. 148, 2022.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra sintonia: a história do autismo**. Editora Companhia das Letras, 2017.

ONZI, Franciele Zanella; DE FIGUEIREDO GOMES, Roberta. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.

**GESTALT- TERAPIA NO BRASIL: Uma análise do estado da arte na
plataforma Scielo Brasil**

**GESTALT- TERAPIA IN BRAZIL: An analysis of the state-of-the-art in Scielo
Brasil Platform**

**GESTALT- TERAPIA EN BRASIL: Un análisis del estado del arte en la
plataforma Scielo Brasil**

José Maria Ribeiro Neto

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni
Psicologia, jmribneto@hotmail.com

Carlos Renato de Oliveira Faria

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni
Psicologia, crofpsi@gmail.com

A Gestalt-Terapia (GT) é uma abordagem da psicologia humanista que surgiu em 1951, em um contexto de pós-guerra, com a eclosão de movimentos de contracultura e rediscussão do ser humano. No Brasil, a GT teve seus primórdios na década de 1970, sob forte influência de Reich, mas, somente em 1997 foi traduzido para o português o livro que deu origem a essa abordagem (FRAZÃO, 2013). Tendo em vista o curto período de existência da abordagem; a ausência de disciplinas de abordagem da Gestalt-Terapia no currículo de muitas universidades brasileiras, a relevância para a ciência de publicações de trabalhos com perspectiva pós-moderna, mister se faz compreender como se encontra o estado da arte dos estudos sobre a Gestalt-Terapia na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO) Brasil. Para atender ao escopo deste trabalho, foi utilizada uma análise bibliométrica compreendendo todos os artigos catalogados pelo indexador supramencionado. Como principais resultados obteve-se, primeiramente, um baixo número de publicações (17 artigos em 24 anos). Adentrando aos dados referentes às publicações, identificou-se que elas se enquadravam majoritariamente nas Ciências Humanas, mas também, houve uma publicação no campo da Ciência da Saúde. Não houveram autores consideravelmente mais prolíferos que outros, mas, a Universidade de Brasília se destacou como instituição de

origem do maior número de autores e publicações da plataforma. As revistas científicas com maior número de publicações foram *Psicologia: Ciência e Profissão* (sete artigos), *Estudos de Psicologia (Campinas)* e *Psicologia em Estudo* (três artigos cada). A temática mais recorrente entre os trabalhos foi o relacionamento ou comparação da GT com outras abordagens, em especial, o Psicodrama. Os resultados apontam que os estudos brasileiros sobre a GT ainda se encontram em um estágio incipiente (baixo número de publicações em revistas relevantes e preponderam temáticas relacionadas com outras abordagens), que coaduna com as próprias justificativas deste estudo.

REFÊNCIAS

- ANDRÉS, A. *Measuring academic research: How to undertake a bibliometric study*. Oxford: Chandos Publishing, 2009.
- FRAZÃO, L. M. Um pouco da história... um pouco dos bastidores. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. *Gestalt-Terapia — fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2013.
- VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. *Scientometrics*, v. 84, n. 2, p. 523–538, 1 ago. 2010.
- ANTONY, S.; RIBEIRO, J. P. Hiperatividade: doença ou essência um enfoque da gestalt-terapia. ***Psicologia: Ciência e Profissão***, v. 25, p. 186–197, jun. 2005.
- BORIS, G. D. J. B.; MELO, A. K.; MOREIRA, V. Influence of phenomenology and existentialism on Gestalt therapy. ***Estudos de Psicologia (Campinas)***, v. 34, p. 476–486, dez. 2017.
- BRASIL, M. C.; ANDRADE, C. C. Reconfiguração de campo do familiar cuidador do portador de Alzheimer. ***Psicologia em Estudo***, v. 18, p. 713–723, dez. 2013.
- CARDOSO, C. L. A inserção do psicólogo no Programa Saúde da Família. ***Psicologia: Ciência e Profissão***, v. 22, p. 2–9, mar. 2002.
- DIÓGENES, J.; PONTES, R. J. S. A Atuação do Psicólogo na Estratégia Saúde da Família: Articulações Teóricas e Práticas do Olhar Gestáltico. ***Psicologia: Ciência e Profissão***, v. 36, p. 158–170, mar. 2016.
- FALCONE, E. M. DE O.; GIL, D. B.; FERREIRA, M. C. Um estudo comparativo da freqüência de verbalização empática entre psicoterapeutas de diferentes abordagens teóricas. ***Estudos de Psicologia (Campinas)***, v. 24, p. 451–461, dez. 2007.

- GURGEL, M. T. DE A. Gestalt-Terapia e Terapia Sistêmica: o corpo em psicoterapia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, p. 253–267, jun. 2008.
- HOLANDA, A. Saúde e doença em Gestalt-Terapia: aspectos filosóficos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 15, p. 29–44, 1998.
- HOLANDA, A. F.; KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, p. 60–71, jun. 2004.
- PEREIRA, F. N.; DALGOLBO, C. G.; SILVA, M. O. DA. Revolução budista ou apocalipse zumbi? Discussões sobre mindfulness a partir de uma perspectiva gestáltica. **Psicologia USP**, v. 32, 18 out. 2021.
- PIMENTEL, A. DO S. G.; ARAÚJO, L. DA S. Hermenêutica gestáltica de uma violência sexual intrafamiliar. **Psicologia em Estudo**, v. 14, p. 569–667, dez. 2009.
- QUINHONES, D. G.; CID, A. V. C.; TRENTO, Y. L. A Transgeneridade como Resistência a uma Lógica Totalitária: Uma Leitura a partir da Teoria do Self Gestáltico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 8 maio 2020.
- REIS, A. C. DOS. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, p. 142–157, mar. 2014.
- SANTOS, Í. P. DO A. Fenomenologia do onírico: a gestalt-terapia e a daseinsanálise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, p. 36–43, mar. 2004.
- TAVARES, C.; SOBRAL, V. A provocação poética dos elementos materiais: novas categorias de análise na abordagem sócio-poética. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 52, p. 283–292, jun. 1999.
- VIEIRA, É. D.; VANDENBERGHE, L. Entre o psicodrama e a Gestalt-terapia: Encontros, obstáculos e perspectivas. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 20, p. 151–160, set. 2015.
- VIEIRA, É. D.; VANDENBERGHE, L. Possibilidades de diálogos entre abordagens humanistas: escutando vivências de psicodramatistas e gestalt-terapeutas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, p. 157–167, mar. 2014.

SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR: INTERVENÇÕES DO PSICÓLOGO NA ESCOLA INCLUSIVA

MENTAL HEALTH IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: PSYCHOLOGIST INTERVENTIONS IN INCLUSIVE SCHOOLS

SALUD MENTAL EN EL ENTORNO ESCOLAR: INTERVENCIONES DEL PSICÓLOGO EN ESCUELAS INCLUSIVAS

AMANDA LARISSE RAMALHO DE OLIVEIRA

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni
Psicologia, amandalarisse.1996@hotmail.com

Este artigo traz uma abordagem acerca da co-responsabilidade do psicólogo no contexto escolar a partir das novas vivências e habilidades a serem desenvolvidas por esse profissional no âmbito da nova modalidade da escola inclusiva. Avaliar ainda o processo de inclusão e inserção escolar da pessoa portadora de necessidades educacionais especiais no ensino regular e mostrar as principais medidas e ações para proporcionar à criança/adolescente especial condições mínimas de desenvolvimento neuropsicomotor; sabe-se, no entanto que significa um grande desafio para o profissional de psicologia realizar ações voltadas no campo da educação inclusiva, todavia o novo modelo político-educacional para a educação especial requer profissionais preparados para mudar a realidade dessa ótica. Esta pesquisa foi realizada através de revisão de literatura, desenvolvida sob análise de outros artigos divulgados sobre o tema e que retratam estratégias de incluir o indivíduo com deficiência múltipla no espaço comunitário de forma socializadora, assim como também foram consultados livros, revistas e documentos eletrônicos. A inclusão de indivíduos que possuem necessidades especiais vem movimentando a sociedade e toda comunidade escolar frente a este novo modelo, onde todos precisam estar incluídos na sala de aula comum do ensino regular, para que suas habilidades possam ser exploradas de forma mútua, sempre buscando sua socialização e valorização dos seus direitos individuais e coletivos para a promoção de sua independência enquanto pessoa humana. As análises realizadas nesta pesquisa proporcionam possibilidades para aperfeiçoar o processo de inclusão, apresentam os desafios e retrata a necessidade do desenvolvimento de novos projetos para acolher de forma humanizada as crianças com deficiência de aprendizagem na escola regular. Assim, vale concluir que há uma diversidade de necessidades educacionais especiais, sejam deficiências intelectuais, cognitivas, físicas ou ambas aparecendo simultaneamente, deverão ser identificadas, acompanhadas e

inseridas na escola inclusiva a partir da implementação sistematizada do profissional de psicologia.

Palavras-Chave: Inclusão; Escola Inclusiva; Psicólogo; Política educacional.

**IMPORTÂNCIA DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA NA PREVENÇÃO
E PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL
THE IMPORTANCE OF INTEGRATIVE COMMUNITY THERAPY IN THE
PREVENTION AND PROMOTION OF MENTAL HEALTH**

**LA IMPORTANCIA DE LA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRADORA EM LA
PREVENCION Y PROMOCION DE LA SALUD MENTAL**

Alcilene Lopes de Amorim Andrade

Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni. Psicóloga, Mestre em Educação, Terapeuta Comunitária CEVI- MG – ABRATECOM. E-mail: alcileneaguia@hotmail.com

Paula Lins Khoury

Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni. Psicóloga, Pós-graduada em Psicanálise e Laço Social, Docência no Ensino Superior, Saúde Mental e Atenção Psicossocial. E-mail: paulalinskhoury@gmail.com

Este trabalho aborda a Terapia Comunitária Integrativa (TCI), que integra a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC) do SUS desde 2017; e tem como principal proposta a criação de redes solidárias, fortalecimento de vínculos comunitários por meio de partilhas das experiências de superação ou enfrentamento das dificuldades. O objetivo deste estudo é apresentar os pilares teóricos e metodológicos da TCI identificando sua contribuição para prevenção e promoção de saúde mental. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica, considerada descritiva quanto aos fins, de abordagem qualitativa. Os achados na literatura revelam que a roda de TCI é um espaço de acolhimento, onde as pessoas expressam suas inquietações e exercitam protagonismo e corresponsabilidade. Trata-se de uma prática coletiva de cuidado, genuinamente brasileira criada em 1987, pelo psiquiatra Adalberto Barreto. Os eixos teóricos que sustentam essa proposta destacam o Pensamento Sistêmico, Teoria da Comunicação, Resiliência, Antropologia Cultural, Pedagogia de Paulo Freire. Desenvolvida por meio de metodologia rigorosamente estruturada, consiste em uma atividade coletiva mediada apenas por terapeutas comunitários formados por Polo reconhecido pela Associação Brasileira de Terapia Comunitária Integrativa (ABRATECOM). Atualmente, são 59 polos formadores no mundo, 47 na América Latina, sendo 42 no Brasil. Os desafios da pandemia

COVID-19 favoreceram a expansão dessa prática no Brasil e no mundo, como uma metodologia promotora de saúde, baseada no acolhimento e na escuta qualificada para facilitar a expressão das emoções advindas dos dilemas cotidianos. A TCI convida a uma mudança de perspectiva, indo além do unitário para o comunitário, visando autonomia, horizontalidade das relações, ressaltando a competência para além das carências. A partilha gera sentimento de pertença e formação de redes solidárias, resultando em benefícios à saúde, tanto dos participantes quanto dos terapeutas. As vivências apresentadas na dinâmica da roda, possibilitam reflexão crítica e conexão com os recursos internos e do contexto, contribuindo para a saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental. Terapia Comunitária Integrativa. Redes Sociais Solidárias

Abstract: Mental Health. Integrative Community Therapy. Solidary Social

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. P. Terapia Comunitária: passo a passo. 5. ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2019. 408p.

BARRETO, A. P.; BARRETO, M. C. R.; OLIVEIRA, D.; BARRETO, I. C. H. C.; ABDALA, M. P. Ministério da Saúde/ Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura. Terapia Comunitária Integrativa Na ESF/SUS. Fortaleza, 2011.

BARRETO, Miria Carmen Rivalta (org). A Prática da Terapia Comunitária Sistêmica Integrativa: Desafios e Possibilidades – Vamos Pensar Juntos? Fortaleza, Rede de Experiências e Saberes, 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Disponível em: . Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 252 p.

LUZ, T. M. As novas formas de saúde: práticas, representações e valores culturais na sociedade contemporânea. Revista Brasileira de Saúde da Família. p. 8-19, ano IX, maio, 2008.

MOURÃO, L. F.; OLIVEIRA, L. B.; MARQUES, A. D. B.; BRANCO, J. G. O.; GUIMARÃES, M. S. O.; NERY, I. S. Terapia comunitária como novo recurso da prática do cuidado. Revisão Integrativa Sanare. v.15, n.2, p.129-135, 2016.

ROCHA, I. A. Terapia Comunitária e Resiliência: história de mulheres. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, v. 5, n. 1, p. 3453-71, 2013.

ENTRENÓS: ACOLHIMENTO AOS FAMILIARES ENLUTADOS PELA COVID-19

ENTRENÓS: WELCOME TO FAMILIES BECAUSE OF COVID-19

ENTRENÓS: BIENVENIDOS A LAS FAMILIAS POR EL COVID-19

Isabel Corrêa Pacheco

Faculdade Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni.
Psicóloga, Mestre em Gestão Integrada do Território, Pós-graduada em Saúde Mental e Psicanálise e Psicologia Hospitalar E-mail: bel.correa.to@gmail.com

Paula Lins Khoury

Faculdade Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni.
Psicóloga, Pós-graduada em Psicanálise e Laço Social, Docência no Ensino Superior, Saúde Mental e Atenção Psicossocial. E-mail: paulalinskhoury@gmail.com

Denise dos Anjos Costa

Faculdade Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni.
Psicóloga, Pós-graduada em Dependência Química e Saúde Mental
E-mail: denisedosanjoscosta@gmail.com

Carlos Renato de Oliveira Faria

Psicólogo, Psicoterapeuta, Especialista (pós graduado) em Psicologia Clínica e Psicologia Hospitalar. Formação complementar em Direitos Humanos e Direito das pessoas LGBTQIA+.
e-mail: crofpsi@gmail.com

O COVID-19 é uma doença caracterizada por ser uma infecção respiratória, de fácil propagação, que tem causado muitas mortes no Brasil (aproximadamente 137 mil mortes-set/2020) além de perdas de diversas proporções (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). A situação de pandemia pelo COVID-19 é algo sem precedente. Estudos recentes têm apresentado informações sobre as implicações na saúde mental das pessoas em decorrência da pandemia do novo coronavírus. Mesmo sendo um fenômeno de agora, já se sabe que são e serão muitas as repercussões negativas para a vida das pessoas (SCHMIDT et al, 2020). As implicações na saúde mental das

peças em decorrência da pandemia foram diversas. A forma distinta que as pessoas vivenciaram seus lutos, diante das restrições sociais e até mesmo afetivas, causadas pelo distanciamento entre as pessoas tornou esse período ainda mais complexo. Sabe-se da importância dos rituais como forma de ajuda para a elaboração e compreensão das perdas sofridas. A pandemia proporcionou uma forma atípica para a vivência do luto. Assim como o Brasil em geral, Teófilo Otoni (MG) também sofreu com a pandemia e perdas de inúmeros “filhos” da terra. Essa realidade fez com que essas mortes ficassem, muitas vezes, no anonimato, dificultando e ampliando para as famílias a dor e o sofrimento. O curso de Psicologia da AlfaUNIPAC de Teófilo Otoni (MG) elaborou esse projeto de estágio, na tentativa de proporcionar aos familiares enlutados pela COVID-19 um espaço virtual de fala e expressão do sofrimento como forma de minimizar essa situação. Utilizou-se de relatório com informações sobre os óbitos ocorridos, para posterior contato com os familiares enlutados. Foi feito um levantamento dos dados através da Secretaria Municipal de Saúde de Teófilo Otoni para identificação dos pacientes falecidos, análise e organização das informações coletadas para contato com as famílias, criação de Instagram do Projeto, inserção e acompanhamento das informações relevantes, identificação dos familiares que serão encaminhados para atendimento psicológico no Núcleo de Práticas Psicológicas da AlfaUNIPAC, elaboração e entrega de “lembrança” para as famílias enlutadas e reuniões de supervisão do projeto. Pode-se perceber a importância do trabalho da Psicologia, ofertando escuta e um olhar diferenciado frente ao processo de luto pela pandemia do COVID-19.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. C. Cartas de um terapeuta para seus momentos de crise. São Paulo: Planeta Brasil, 2020.
- ARANTES, A. C. Q. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- BRASIL. COVID-19. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/> acessado em 21 de setembro de 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 11/2018, de 28 de setembro de 2018. Dispõe sobre as orientações da prestação de serviços psicológicos por meio de tecnologia de informação e comunicação. Brasília: CFP, 2018. Disponível em <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-11-2018-regulamenta-a-prestacao-de-servicos-psicologicos-realizados-por-meios-de-tecnologias-da-informacao-e-da-comunicacao-e-revoga-a-resolucao-cfp-no-11-2012?origin=instituicao&q=11/2018> / acessado 22 de setembro de 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 04/2020, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19.

Disponível em <https://site.cfp.org.br/nova-resolucao-do-cfp-orienta-categoria-sobre-atendimento-on-line-durante-pandemia-da-covid-19/> acessado 22 de setembro de 2020.
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Saúde Mental e COVID-19. Disponível em <http://saudementalcovid19.org.br/> acessado em 15 de setembro de 2020.

CYRULNIK, B. & CABRAL, S. Resiliência: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015.

PEREIRA, M. D. et al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento. 9(7): 1-35, e652974548.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200063. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>, 2020.

WORDEN, J. W. Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental. 4ª edição. São Paulo: Roca, 2013.

SUPERVISÃO CLÍNICO-INSTITUCIONAL NO VALE DO JEQUITINHONHA

CLINICAL-INSTITUTIONAL SUPERVISION IN VALE

SUPERVISIÓN CLÍNICO-INSTITUCIONAL EN VALE DO JEQUITINHONHA

Isabel Corrêa Pacheco

Faculdade Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni.
Psicóloga, Mestre em Gestão Integrada do Território, Pós-graduada em Saúde
Mental e Psicanálise e Psicologia Hospitalar E-mail: bol.correa.to@gmail.com

Paula Lins Khoury

Faculdade Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni.
Psicóloga, Pós-graduada em Psicanálise e Laço Social, Docência no Ensino
Superior, Saúde Mental e Atenção Psicossocial. E-mail:
paulalinskhoury@gmail.com

Denise dos Anjos Costa

Faculdade Faculdade Presidente Antônio Carlos Teófilo Otoni.
Psicóloga, Pós-graduada em Dependência Química e Saúde Mental
E-mail: denisedosanjoscosta@gmail.com

Carlos Renato de Oliveira Faria

Psicólogo, Psicoterapeuta, Especialista (pós graduado) em Psicologia Clínica e
Psicologia Hospitalar. Formação complementar em Direitos Humanos e Direito
das pessoas LGBTQIA+.
e-mail: crofpsi@gmail.com

O presente trabalho se trata de relato de experiência da Psicologia na função de supervisão clínico-institucional, atuando de forma interdisciplinar na rede municipal de saúde mental. Se trata de um dispositivo de formação permanente

que deve sustentar a responsabilidade compartilhada da equipe, facilitar o diálogo para que as diferentes questões sejam exploradas, os casos e as situações sejam manejadas, com seus desafios e surpresas inerentes ao trabalho clínico na perspectiva da atenção psicossocial.

Busca também realizar ações para o fortalecimento da Política de Saúde Mental, Álcool e outras drogas em consonância com os pressupostos da Luta Antimanicomial Brasileira e as Diretrizes do Sistema Único de Saúde. Tem como premissa atuar de forma a sustentar a proposta de uma gestão partilhada da clínica, que auxilie os profissionais a enfrentarem os impasses institucionais frequentes no cotidiano do trabalho coletivo na rede de Saúde Mental. Daí a importância da supervisão como uma prática de processamento e superação nos locais que abrigam pessoas em grave sofrimento psíquico. Desta forma, casos clínicos, políticos, organizacionais são discutidos no contexto dos serviços, das redes, do planejamento e das políticas de saúde mental, através de encontros com a equipe, com a coordenação, gestão, usuários e todos que de alguma forma compõe a rede, respeitando e priorizando as realidades do território. Desta forma, as ações propostas foram: Apoiar a equipe no desenvolvimento de atividades voltadas para a organização do serviço, o processo de acolhimento, o matriciamento da rede de atenção básica, qualificando a equipe para o trabalho em atenção psicossocial territorial, melhorando as relações interdisciplinares e intersetoriais; Potencializar discussão de casos clínicos, reuniões de equipe e atuações interdisciplinares; Auxiliar na discussão da RAPS sobre a compreensão do perfil de atendimento de cada unidade e importância da conscientização da atuação conjunta entre as Unidades; Potencializar construção de Projetos Terapêuticos Singulares e trabalhos de Oficinas Terapêuticas e promoção de atividades de Grupo; Superação do modelo de assistência psiquiátrica asilar e/ou medicamentosa como centro; Articular de forma clínica e ética o exercício da cidadania, qualidade de vida, expressão da subjetividade pela lógica de cuidados em liberdade; Fomentar qualificação da equipe, promovendo ações de educação continuada, através de oficinas de vivência, seminários de atualização, minicursos temáticos e eventos. Verificar a possibilidade de ofertar formação sistemática, estruturada, através de cursos de especialização e atualização interdisciplinares em Saúde Mental, inclusive buscando parceria com as Universidades locais. Inclusão de conteúdos de saúde mental nos cursos introdutórios das Atenções básicas e da Saúde da família e promover discussão de forma sistemática sobre os encaminhamentos e atribuições do CAPS por outros profissionais da Rede. Compreensão do perfil do usuário CAPS e da integração dos Serviços em todos os níveis de Atenção.

BRASIL, Ministério da Saúde. PORTARIA Nº 336, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002/ Ministério da Saúde, Conselho Nacional do Ministério Público. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002

SAMPAIO, José Jackson Coelho. **Supervisão Clínico-Institucional e a organização da Atenção Psicossocial no Ceará**. Editora da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2019. Livro eletrônico. 360 p. ISBN: 978-85-7826-746-9 (E-book).

SEVERO, Ana Kalliny de Sousa e L'ABBATE, Solange. Maio/2014. **A supervisão clínico-institucional como dispositivo de mudanças na gestão do trabalho em saúde mental**. Botucatu. SP. Maio/2014. DOI: 10.1590/1807-57622013.0520

SILVA CSSL, KOOPMANS FF, DAHER DV. **O Diagnóstico Situacional como ferramenta para o planejamento de ações na Atenção Primária a Saúde**. Revista Pró-UniverSUS. 2016 Jan./Jun.; 07 (2): 30-33.